



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

11351 - Resumo Expandido - Trabalho - 4ª Reunião Científica da ANPEd Norte (2022)

ISSN: 2595-7945

GT 15/GT 20 - Educação Especial e Psicologia da Educação

**INCLUSÃO DE ALUNOS COM DEFICIÊNCIA: OLHARES DE PROFESSORES DE TURMAS REGULARES DO MUNICÍPIO DE BREVES-PA**

Vítor Serra Rodrigues - UFPA-PPGEDUC – UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ

## **INTRODUÇÃO**

A sala de aula na atualidade recebe alunos com os mais variados perfis de personalidade, dos mais variados grupos sociais, étnicos, raciais, culturais, religiosos, convicções políticas e ideológicas, limitações físicas e/ou mentais etc. Para Pabis e Martins (2014, p. 10):

[...] numa mesma sala de aula encontramos alunos oriundos dos mais diversos segmentos sociais, com diferentes condições econômicas, descendentes de diferentes etnias, e até aqueles cujas famílias participaram dos movimentos que se desencadearam no Brasil após redemocratização do país. Entre estes movimentos podem-se destacar os dos afrodescendentes, dos homossexuais, gays e lésbicas, a reivindicação de espaços e direitos pelos portadores de necessidades especiais, dentre outros.

Logo, debates acerca dessa temática são vitais dentro e fora da sala de aula, pois todas as relações que os sujeitos constroem ao longo do tempo possibilitam moldar os traços de sua essência e de seu caráter, proporcionando um desenvolvimento que vai além da aprendizagem, mas abrange o ser humano como um todo.

E é justamente a escola um dos principais espaços que permite esse desenvolvimento, pois há uma enorme aglomeração de tipos humanos; o que exige um posicionamento sistematizado e enfático da escola acerca desta situação. Nesse sentido, Rodrigues (2013, p. 15) cita que:

Para construir uma escola de todos e para todos é, portanto, também preciso ajudar na inclusão educativa e social dos alunos que têm particularidades e modos de aprendizagem diferentes das do modelo padrão esperado pela escola. Por vezes, esta precisa de refazer os seus objetivos e vencer a distância entre a linguagem das teorias

pedagógicas inovadoras e revolucionárias e as práticas escolares muitas vezes conservadoras e antiquadas [...].

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação ([LDB – Lei 9.394/1996](#)), tida como a baliza das políticas públicas brasileiras no que tange à educação, vem a ratificar os princípios conjecturados na Carta Magna brasileira. Dentre estes princípios, tem-se o respeito à liberdade e à tolerância, o reconhecimento dos conhecimentos dos alunos fora do espaço escolar e a observação com relação à diversidade étnico-racial.

Nessa conjuntura, quando se fala em inclusão, não se trata apenas dos alunos com necessidades especiais, mas sim de questões referentes ao acesso e a permanência de todos os alunos, dispensando critérios para seleção ou entrada nas escolas (SANTOS, 2008). Nesse viés, o professor deve estar preparado, exigindo que ele disponha de algumas capacidades e competências, como maturidade, conhecimento acerca do aluno, disponibilidade para aceitação do outro e criação de vínculos afetivos (SANTOS, 2004).

Para tanto, a problemática deste estudo se centra ligada ao processo de inclusão de alunos com deficiência nas escolas públicas de Breves-PA, não apenas às questões legais e pedagógicas, mas especialmente linguísticas e ideológicas, no intuito de entender o que pensam os profissionais que trabalham junto a Educação Especial por meio de seus discursos. Desta forma, a inquietude fundamental constitui-se como a seguinte: Como os professores de turmas regulares compreendem a ideia de inclusão de alunos com deficiência nas suas aulas? Assim, o objetivo deste estudo foca-se em descrever e refletir sobre as ideias e as concepções que esses docentes pensam sobre o aluno com deficiência e sobre o conceito de inclusão, sob o viés da Análise do Discurso.

## **MÉTODO**

A abordagem predominante nesta pesquisa é a qualitativa, apresentando um caráter exploratório e descritivo, e é do tipo de campo. Foram entrevistados entre os meses de abril e maio do ano de 2022, três professores de turmas regulares de anos iniciais que lecionam em escolas públicas do município de Breves-PA, que tem entre seu alunado pelo menos um aluno com algum tipo de necessidade especial.

Foram utilizadas duas perguntas norteadoras: “1 – O que você entende por aluno com deficiência?” e “2 – O que você entende por inclusão na sala de aula?” No decorrer das entrevistas, outros questionamentos foram sendo feitos aos participantes. Em seguida, os discursos foram transcritos na íntegra, sendo selecionados somente os recortes discursivos mais relevantes segundo a proposta da Análise do Discurso.

A Análise do Discurso é uma teoria que abarca conhecimentos das áreas de Linguística, Psicanálise e Marxismo, e que busca compreender o discurso não de uma forma tradicional, como comumente se estuda nas instituições básicas educacionais, mas sim por meio da materialização do discurso.

Para a feitura da mesma, utilizou-se a Análise do Discurso na ótica francesa de Pêcheux (2009) e Orlandi (2001), em que os mesmos se interessam em compreender como ocorre a subjetivação no discurso, isto é, de maneira o sujeito se compõe, produz e reproduz sentidos no e com o discurso.

Este estudo segue os padrões estabelecidos de acordo com a Resolução n. 466, de 2012, do Conselho Nacional de Saúde, sobre as pesquisas envolvendo seres humanos devendo e atendendo aos fundamentos éticos e científicos pertinentes, o que implica respeito ao participante da pesquisa em sua dignidade e autonomia, reconhecendo sua vulnerabilidade, assegurando sua vontade de contribuir e permanecer, ou não, na pesquisa, por intermédio de manifestação expressa, livre e esclarecida. Sendo assim, foi apresentado e assinado pelos participantes um documento legal que expresse destes, compromisso com a pesquisa, sendo informados inclusive sobre os riscos e benefícios.

## **DISCUSSÃO E RESULTADOS**

O corpus adotado foram três professores dos anos iniciais das escolas públicas de Breves, cada um tendo com no mínimo um aluno com algum tipo de necessidade especial em sua turma. Conforme ressaltado anteriormente, o objetivo deste trabalho é compreender e refletir sobre o que pensam estes profissionais acerca da inclusão do aluno especial nas suas turmas. Desta forma, serão apresentados somente os recortes discursivos considerados mais relevantes para o desenrolar desta pesquisa.

Quando indagados sobre o que entendem por deficiência, o primeiro entrevistado afirma que:

Deficiente é o aluno que tem algum problema, tipo auditivo, visual, motor entre outros... Enfim, que tem algum tipo de dificuldade na aprendizagem... Na minha turma tem uns alunos que não são normais mas eu considero eles normais... Tem aqueles deficientes que tu vê que são deficientes mesmos, mas tem aqueles que a deficiência não é tão grave, que dava pra eles se esforçarem mais e aprender mais... (E1).

Como nota-se, na fala do E1 (essa será a nomenclatura adotada) ele utiliza-se de um termo, “normais”, para diferenciar os alunos que não apresentam deficiência daqueles que possuem alguma. Nesta concepção, conota-se uma ideia de segregação, de tom pejorativo, de distinção entre os “normais” e os “deficientes”.

Na fala de E1, a ideia de deficiência está atrelada intrinsecamente ao indivíduo; isto é que, há diferentes graus de deficiência, daquelas que são mais graves até aquelas que menos intensas; que nestas últimas, há uma falta de interesse pessoal do aluno em aprender e se aperfeiçoar.

Ainda sobre este recorte discursivo, depreende-se que é o próprio sujeito o responsável

pelo sucesso ou insucesso de sua vida pessoal, seja deficiente ou não. Isso vai de acordo com o paradigma integracionista de Sassaki (1999), quando cita que a pessoa com deficiência é a grande determinante em seu processo de inclusão, não necessitando de auxílios ou privilégios por parte da sociedade, sendo seu êxito alcançado por mérito próprio.

No recorte discursivo do segundo entrevistado, temos:

Bom, primeiro tenho que dizer o que é deficiência né (riso)... Então, deficiência é quando a pessoa não apresenta todas as capacidades físicas e mentais completas... Pode ser hereditária, causada por acidentes, enfim... A partir daí tem o aluno deficiente, que é a criança que são consideradas pessoas especiais, e que precisam de um apoio especial para melhorar a aprendizagem... (E2).

De forma descontraída, o E2 adianta-se em dizer a sua definição de deficiência, deixando claro que são aquelas que não possuem a plenitude no que se refere às capacidades físicas e mentais. Tendo como ponto de partida esta concepção (quando cita “a partir daí [...]”) elucida o que seria o aluno com deficiência, utilizando-se do termo “especial”, conforme mencionado em diversos documentos normativos.

Observa-se também nestes recortes discursivos que não apenas é apresentada a ideia de deficiência, mas também uma dicotomia entre o sujeito com deficiência e o sujeito perfeito. Este indivíduo carregado de virtudes e ausente de deficiências é utópico, não servindo de modelo para um universo de sujeitos que apresentam algum tipo de deficiência, mas que se sobressai através da imposição de discursos presentes de forma tácita ou implícita nos discursos em razão de sua constituição sócio-histórica (FERNANDES, 2012).

Partindo da concepção de Anjos (2006), a ideia de inclusão é tida sob dois aspectos: processo e produto. Na primeira, é um processo que envolve tentativas de erros e acertos de todos os sujeitos participantes; já na segunda, é como algo finalizado, sendo a responsabilidade de aceitação transferida para as pessoas.

Esta definição se faz imprescindível em razão da inclusão ser tida ora como produto, ora como processo, e que irá influenciar na tomada de decisão do sujeito com deficiência no que se referem as suas iniciativas para esta situação, conforme recorte discursivo de E3:

Amigo... É assim... Na minha opinião, inclusão é quando o aluno... fazer com o aluno participe da escola, da sociedade... Você passa a conhecer o mundo dele e ele o seu... Porque assim um conhece o outro, o professor conhece o outro, o colega conhece o outro, e assim vai... Tudo num processo... A gente começa a entender as dificuldades daquele aluno, de estudar, de como ele lida com a família, e assim vai... Então, resumindo, inclusão é respeito, é você respeitar o aluno... Quando você respeita o aluno, tá respeitando a si mesmo... (E3).

O E3 menciona a ideia de participação, isto é, de que é vital trazer o aluno para conhecer a escola, os colegas, a sociedade e vice-versa; isto é, a inclusão seria um movimento de conhecimento de dois mundos que estão próximos, mais ao mesmo tempo distantes e imperceptíveis para ambos.

Sob outro ponto de vista, E1 destaca que:

Muitas pessoas ainda não sabem o que é inclusão... Até mesmo, tipo, tem vários professores que se você perguntar pra eles o que é inclusão, eles não vão saber te responder... Não são poucos, tem muitos assim... Então, essa história de inclusão já é antiga, não é de agora não... E tem outra, as pessoas confundem o que é inclusão, porque pensa que inclusão é juntar um monte de criança numa sala, que tem muitos que tem dificuldades e ir passando eles de ano a ano, até os alunos especiais, mesmo sem aprender nada... Poxa, isso pra mim não é inclusão (E1).

O primeiro entrevistado demonstra certa revolta e preocupação com relação à ideia de inclusão na forma como vem sendo trabalhada, pois se infere que seria meramente a promoção de um quantitativo elevado de alunos de um nível para outro, tanto daqueles com deficiência quanto aqueles que não têm, sem levar em consideração o nível de aprendizado. Incluir não seria somente fazer com que permaneçam na sala de aula, mas também garantir o sucesso deles durante a mudança de nível escolar.

No que se refere a Análise do Discurso, o indivíduo responsabiliza-se quando no discurso, toma uma posição carregada de sentidos e valores, sendo a partir desta premissa que são estabelecidas conexões com os demais grupos e pessoas do cerne social (ORLANDI, 2013).

Há um recorte interessante na fala de E2 ainda sobre o termo inclusão, quando fala de seus sentimentos acerca do aluno com deficiência:

Assim, eu tenho dificuldades para lidar com alunos especiais, mesmo eu não sendo do apoio (pedagógico)... Mesmo assim, tenho um carinho muito grande por eles aqui na minha turma, faço o que posso para ajudar minha colega no aprendizado deles... Quando você vê o que um aluno, que quando chegou aqui não sabia nem segurar no lápis chegar no final do ano e conseguir fazer tanta coisa sabe... É muito lindo cara, é de mexer o coração, sério... É uma benção de Deus... (E2).

A segunda entrevistada externaliza seus sentimentos e emoções de afeição e ternura com relação aos alunos com necessidades especiais, que demonstra satisfação e alegria com o sucesso deles. Isso vai de acordo com Oliveira e Andrade (2007) quando menciona que “a

convivência direta, seja familiar ou profissional, com as pessoas que apresentam necessidades educacionais especiais aguça a sensibilidade, a percepção, a compreensão e o interesse por sua situação de excluído social”.

Para Bakhtin (2004), todo discurso encontra-se direcionado para alguém, de que todo e qualquer texto é uma resposta a outro (s) textos (s). Os caminhos em que são confrontados e construídos esses discursos são elementos centrais na forma como podem ser compreendidos os discursos.

Considerando a última ideia, há um enxerto que se deve destacar do E3:

Acho interessante destacar o papel dos outros na participação da inclusão da criança com deficiência... Tipo a sociedade, a família, o governo, cada um tem que fazer sua parte, não é somente o professor e o aluno, porque eu já vi muitos casos até mesmo de pai, de mãe, do responsável que só espera pela escola, só espera pelo professor para melhorar a aprendizagem do seu filho, da sua filha... Claro, tem aquela situação dos pais que não tem condições financeiras, que não tiveram acesso a uma educação para poder ajudar seus filhos hoje... Mas tem casos e casos... Conheço muitos pais que tem estrutura, mas que não ajudam seus filhos por pura falta de interesse mesmo, estão sempre ocupados, enfim, só esperam pela escola e pelo professor... Assim não dá... (E3).

No enxerto acima, os “outros” são a família (do aluno), a sociedade e o governo. A figura da família é destacada constantemente pelo terceiro entrevistado, tida como responsável principal pela inclusão desse aluno com deficiência nas turmas regulares. O mesmo ainda ressalta a negligência de muitos pais no processo de inclusão de seus filhos, ressaltando aqueles que não tiveram acesso a escolarização ou não possuem recursos financeiros.

Entretanto, a figura do governo é mencionada, mas não recebe tanto destaque quanto a ideia de família. Compreende-se então que a ideia de governo não é entendida como parte principal desse processo de inclusão do aluno com deficiência. Isto é, o professor entrevistado não compreende que também é parte de um projeto governamental, que está inserido nele, que faz parte de um conjunto de políticas públicas (OLIVEIRA; ANDRADE, 2007).

Em suma, as ideias presentes nos discursos dos entrevistados demonstram que, no que se refere a temas como inclusão, algumas ideias prevalecem enquanto que outras brigam por espaços nas falas dos docentes. Enquanto ideias consolidadas nos discursos, temos o estabelecimento de limites nas salas de aula como território do professor; a predisposição de determinar ao aluno com deficiência a necessidade do mesmo se adequar ao espaço escolar e não o contrário; a participação de agentes externos no processo de inclusão, como a família. Já nas ideias que disputam espaços há: o confronto de pensamentos que entendem a inclusão como processo e daqueles que entendem como produto, que em muito influenciam a forma como os docentes irão trabalhar; e os sentimentos que estes professores demonstram com relação ao fazer pedagógico.

## CONCLUSÕES

As ideias presentes nos discursos dos entrevistados demonstram que, no que se refere a temas como inclusão, algumas ideias prevalecem enquanto que outras brigam por espaços nas falas dos docentes.

Enquanto ideias consolidadas nos discursos, temos o estabelecimento de limites nas salas de aula como território do professor; a predisposição de determinar ao aluno com deficiência a necessidade do mesmo se adequar ao espaço escolar e não o contrário; a participação de agentes externos no processo de inclusão, como a família. Já nas ideias que disputam espaços há: o confronto de pensamentos que entendem a inclusão como processo e daqueles que entendem como produto, que em muito influenciam a forma como os docentes irão trabalhar; e os sentimentos que estes professores demonstram com relação ao fazer pedagógico.

Em síntese, o processo de inclusão não é simplesmente trazer os alunos com deficiência para dentro de salas de aula e fazer com que aprendam a ler, a escrever ou a realizar operações matemáticas. Para que ocorra de fato a inclusão, é necessário livrar-se dos processos excludentes (como a responsabilização total do aluno com deficiência pelo seu fracasso ou sucesso) em que o docente pode ser participante ou mártir, caso não perceba as nuances dos referidos processos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Análise do Discurso, Inclusão, Aluno com Deficiência.

## REFERÊNCIAS

1. ANJOS, Hildete Pereira dos. **O espelho em cacos: análise dos discursos imbricados na questão da inclusão.** Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, 2006.
2. FERNANDES, I. (2012). **Relações sociais no convívio com as diferenças e deficiências numa perspectiva histórica.** In: Lippo, H. (Org.), Sociologia da acessibilidade e reconhecimento político das diferenças (pp. p. 17-31). Canoas: ULBRA.
3. OLIVEIRA, Maria Vieira M. de; ANDRADE, Francisca R. Bezerra. **Políticas públicas para a educação especial: uma análise teórico-documental (1994-2002).** In: ENCONTRO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO DO NORTE E NORDESTE, 18., 2007, Maceió. Anais... Maceió: UFAL, 2007.
4. ORLANDI, E.P. (2001). **Discurso e texto: formulação e circulação de sentidos.** Campinas, SP: Pontes.
5. \_\_\_\_\_. (2013). **Análise de discurso: princípios e procedimentos** (11a. ed.). Campinas, SP: Pontes.
6. PABIS, Nelsi Antonia; MARTINS, Mario de Souza. **Educação e Diversidade Cultural.** Guarapuava: Unicentro, 2014.
7. PÊCHEUX, M. (2009). **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio** (4a. ed.).

Campinas, SP: UNICAMP.

8. RODRIGUES, Paula Cristina Raposo. **Multiculturalismo – A diversidade cultural na escola**. Escola Superior de Educação João de Deus. Lisboa, 2013. Disponível em: <[www.comum.rcaap.pt](http://www.comum.rcaap.pt)>. Acesso em: Jul. 2022.

9. SANTOS, I. A. dos. **Educação para a diversidade**: uma prática a ser construída na Educação Básica. Universidade Estadual do Norte do Paraná. Campus de Cornélio Procópio. Cornélio Procópio, 2008.

10. SANTOS, Mônica Pereira dos. **Desenvolvendo políticas e práticas inclusivas “sustentáveis”**: o lado carioca de uma pesquisa internacional. In: MENDES, Enicéia Gonçalves; ALMEIDA, Maria Amélia; WILLIAMS, Lucia Cavalcanti de Albuquerque (Orgs.). **Temas em Educação Especial**: avanços recentes. São Paulo: EdUSFCar, 2004.

11. SASSAKI, R.K. (1999). **Inclusão**: construindo uma sociedade para todos (3a. ed.). Rio de Janeiro: WVA.